

Vanda Maria da Silva Elias
vmelias@linearm.com.br

Hipertexto, leitura e sentido

RESUMO - Neste artigo, propomos uma discussão sobre hipertexto, leitura e sentido, numa perspectiva lingüística. Se o hipertexto é um “texto aberto”, o leitor se deparará com inúmeras possibilidades de leitura e construção de sentido. Por onde começar? Como prosseguir após a determinação de um início? Quando finalizar o texto, se a proposta do hipertexto é que o leitor “salte” de texto em texto? São perguntas que cabem ao leitor responder, no momento em que se encontra no universo hipertextual. É importante que o leitor conheça previamente espaço e modo de constituição do hipertexto e produza sentidos para os textos atualizados¹.

Palavras-chave: hipertexto, leitura, sentido

ABSTRACT - In this article, we propose a discussion on hypertext, reading and meaning, from a linguistic perspective. If hypertext is an “open text”, the reader will be faced with innumerable possibilities of reading and construction of meaning. Where to start? How to proceed after determining the beginning? When to finish the text, if the purpose of hypertext is that the reader “jumps” from text to text? These are questions that are up to the reader to answer, at the moment at which he finds himself in the universe of hypertext. It is important for the reader to know beforehand the space, and method of composition, of hypertext and to produce meanings for the actualized² texts.

Key words: hypertext, reading, meaning

Introdução

Sabemos que o conceito de hipertexto não é recente e que, há muito, existem produções escritas a que subjaz o princípio da hipertextualidade (cf. Lévy, 1993 e Leão, 1999) como, por exemplo, a bíblia, a enciclopédia, o dicionário e a lista telefônica. Entretanto, foi somente com a internet, segundo Bolter (1991), o meio natural para a sua constituição, que o hipertexto constituiu-se como um “texto aberto” ou um “texto múltiplo”, caracterizado pelos princípios da não linearidade, interatividade, multicentramento e virtualidade.

Com a propagação da rede e, conseqüentemente, da escrita que lhe constitui, a atenção dos estudiosos voltou-se para o hipertexto: da origem à configuração dessa produção escrita na tela do computador, passando por reflexões sobre sua concepção, semelhanças e diferenças quanto aos modos de escrita anteriormente existentes.

Neste artigo, propomos algumas reflexões sobre hipertexto e leitura, respaldadas em estudos realizados sobre o hipertexto e o texto. Para tanto, assumimos como

pressupostos que: i) o hipertexto é um texto aberto ou um texto múltiplo; ii) o texto é também, à sua maneira, um hipertexto; iii) hipertexto e texto são eventos comunicativos; iv) os estudos realizados sobre texto, na perspectiva da Lingüística Textual, muito contribuem para entender o hipertexto.

Em nosso percurso, inicialmente, trataremos da concepção sobre hipertexto e texto para, posteriormente, considerarmos a leitura e produção de sentido no universo hipertextual.

Sobre a concepção de hipertexto

Mas, afinal, o que é o hipertexto?

Esta não é uma questão simples de ser respondida, dentre outras razões, porque o hipertexto está em constituição e, neste momento, o texto impresso ainda é a referência central do universo de produção textual on line. Nesse sentido, Beiguelman (2003, p. 11) afirma:

¹ Lévy (1996) utiliza o termo “atual” em oposição ao “virtual” e não ao “real”. “Atual” e “virtual” são duas faces do “real”.

² Lévy (1996) uses the term “actual” as opposite to “virtual” and not “real”. “Actual” and “virtual” are two aspects of “real”.

Tão estável e tão paradigmático é o livro impresso que não se conseguiu inventar um vocabulário próprio para as práticas de leitura e escrita on line. (...) As telas de qualquer site dispõem páginas, critérios biblioteconômicos de organização do conteúdo regem os diretórios, (...) e a armazenagem de dados é feita de acordo com padrões arquivísticos de documentos impressos, seguindo à risca o modelo de 'pastas e gavetas'.

Assim sendo, se, por um lado, reconhecemos a complexidade da questão, por outro lado, sabemos que, para tratarmos de hipertexto, precisamos explicitar como o concebemos, ainda que tal iniciativa implique riscos pela razão apresentada acima.

O que é o hipertexto? São muitos os estudiosos que dedicam atenção à questão. Bairon (1995, p. 45) afirma que o hipertexto pode ser definido como "um texto estruturado em rede" ou ainda "uma matriz de textos potenciais" na qual "um texto apresenta-se como uma leitura particular de um hipertexto".

Por sua vez, Lévy (1993, p. 33) postula que o hipertexto pode ser definido como

um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

Ainda, para Lévy (1996), o hipertexto, configurado em redes digitais, desterritorializa o texto, deixando-o sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Esse texto assim constituído é dinâmico, está sempre por se fazer, o que implica, da parte do leitor, um trabalho infindo de organização, seleção, associação, contextualização de informações e, conseqüentemente, de expansão de um texto em outros textos ou a partir de outros textos, uma vez que os textos constitutivos dessa grande rede estão contidos em outros e também os contêm.

Desse modo, se, no texto, prepondera um fluxo linear, no hipertexto, há quebra dessa linearidade em unidades ou blocos de informação, cujos tijolos básicos da construção, segundo Santaella (2001), são os nós e nexos associativos, em um sistema de conexões que lhe é próprio com o propósito básico de conectar um nó a outro.

Essas conexões, ativadas por meio de um clique do *mouse*, permitem ao leitor mover-se através do grande texto, descobrindo e seguindo pistas que são deixadas em cada nó. É por essa razão que afirmamos que o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas, sim, por meio de buscas, descobertas e escolhas, destacando que a sua estrutura flexível e o acesso não linear permitem buscas divergentes e caminhos múltiplos no interior do hipertexto.

Ainda sobre a concepção de hipertexto, Koch (2002, p. 61) destaca:

todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não de um único sentido e todo texto é plurilinear na sua construção, [...] então, [...] poder-se-ia afirmar que — pelo menos do ponto de vista da recepção — todo texto é um hipertexto.

O inverso dessa afirmação também é verdadeiro para essa autora e para estudiosos como Bellei (2002, p. 44), para quem "o hipertexto também é um texto", e Marcuschi (1999, p. 29), quando nos afirma que "o hipertexto não é um texto fisicamente realizado, mas uma virtualidade", contudo, "assim como o hipertexto virtualiza o concreto, ele concretiza o virtual".

Dizer que "o texto é um hipertexto" e que "o hipertexto é um texto" não implica, pois, para esses autores, desconsiderar as diferenças entre um e outro. O hipertexto difere do texto impresso em aspectos como ruptura, conectividade máxima entre blocos de significado e multicentramento, só possíveis, em toda a sua extensão, em um espaço que não "aprisiona" o texto, mas o liberta tanto por permitir ao leitor a atualização de textos e a construção de sentidos de acordo com as suas escolhas, quanto porque o texto se metamorfoseia ante as decisões do leitor (Cf. Elias, 2000).

No hipertexto, a conexão múltipla entre blocos de significado, reprimida pelo meio impresso, é elemento dominante em sua constituição, porque a tecnologia de programação característica da máquina torna o princípio de conectividade, por assim dizer, natural, desimpedido, imediato, sem problemas de tempo e distância.

Essa "naturalização" da conectividade adquire, para Bolter (1991), um significado estrutural. A conectividade, é um princípio estruturante dos textos digitais, permitindo pensar o hipertexto como qualitativamente diverso do texto e dotado de um potencial revolucionário para produzir mudanças significativas nas formas de acúmulo e circulação da informação, nos conceitos de autor e leitor, na concepção de leitura e nas formas de produção de textos.

Concebemos, portanto, neste artigo, o hipertexto como "um texto múltiplo", segundo afirma Koch (2002) ou "um texto aberto", ressaltando as características que lhe são constitutivas, em um espaço que, segundo Wertheim (2001), é destituído de fisicalidade, porém, real e promovedor não só da constituição de novas representações mentais, como também e, principalmente, da constituição de sujeitos por meio de novas práticas comunicativas.

Sobre a concepção de texto

Mas, se "o hipertexto é um texto", o que é um texto?

Anteriormente, reconhecemos a complexidade existente em torno da concepção de hipertexto. A situa-

ção, porém, não muda em se tratando do texto, pois são muitas as maneiras de concebê-lo (cf. Koch, 2004). Uma vez que entendemos o hipertexto como um texto, a questão — o que é texto? — se nos apresenta, pois, como inevitável.

Koch (2002) e Marcuschi (1999, 2000) afirmam que o hipertexto tem propiciado a (re)discussão em torno da questão: o que é texto? Embasados em princípios da Linguística Textual, os estudiosos postulam que texto é multinível, multilinear, e não contém toda a proposta de sentido por insuficiência de explicitude.

Ainda, os autores, respaldados em Beaugrande (1997), afirmam que texto não é uma simples sequência de palavras escritas ou faladas, mas “um evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais” cuja existência depende de que alguém o processe como tal.

Estendendo para o hipertexto esse postulado, podemos dizer que o hipertexto não é simples soma de textos, mas um texto aberto ou múltiplo que se constitui como um evento comunicativo a partir da realização de um percurso do leitor e da atualização de alguns textos em detrimento de inúmeros outros.

Todavia, como já dissemos, assumir que “o texto é um hipertexto” e que “o hipertexto é um texto” não significa anular as diferenças entre texto e hipertexto. Em seu modo de produção escrita, o hipertexto não se baseia em uma tecnologia que privilegia a (re)produção em massa para atender a número incontável de leitores, no sentido de oferecer a mesma escrita para diferentes leitores, acentuando-se o papel do escritor como determinante do percurso a ser empreendido pelo leitor (cf. Bolter, 1991; Eisenstein, 1998), mas, contrariamente, poderá desenhar-se de acordo com a necessidade ou interesse de cada leitor.

O texto impresso, “enclausurado” entre capa, contracapa, margens e linhas, tem a sua ramificação contida, exceto pelas notas de rodapé que, pelo espaço ocupado e modo de constituição, são periféricas em relação ao texto central.

Entretanto, a padronização dessa escrita, encerrada entre capa e contracapa, na tentativa de um texto com começo e fim, não é impedimento para o leitor constituir a expansão do texto a partir de uma palavra, uma expressão, um parágrafo, uma nota, se considerarmos que um segmento textual, ao chamar a atenção do leitor, poderá levá-lo à procura de outro(s) texto(s), para a expansão do que havia destacado de acordo com seus interesses e objetivos de leitura/pesquisa.

Nesse processo, cabe, preponderantemente, ao leitor a constituição dos *links* em uma rede ampla de associações, já que o autor, com a limitação do papel, pode apenas determinar alguns *links* que se configuram como notas, tabelas ou gráficos, e referências. Ao leitor, é, no

entanto, possível estender o texto para além do espaço permitido pelo papel, dentro dos limites impostos no tocante ao deslocamento, à portabilidade, à acessibilidade e ao manuseio de obra, de diversas obras.

Se, no texto impresso, cabe, preponderantemente, ao leitor, a constituição dos *links* para a expansão do texto e, portanto, da transformação do texto em hipertexto, embora sem a visibilidade desse processo, no hipertexto, o autor, livre da limitação imposta pelo impresso, determina os *links*, para que sejam atualizados pelo leitor.

Assim sendo, os *links* funcionam como portas de entradas para textos. Cada *link*, em princípio, remete o leitor a um texto cuja atualização propicia a sua leitura. Esse texto, momentaneamente, será o centro de atenção do leitor.

O texto atualizado tem tematização e suas idéias progridem de acordo com o tema em foco, entretanto, esse texto conterà outros focos definidos pelo autor cuja atualização dependerá do leitor. Em outras palavras, cada texto atualizado contém inúmeros textos, bem como está contido em inúmeros textos, sem que seja possível ao leitor saber o que vem antes ou o que virá depois, o que constituirá seu início ou o que comporá a sua finalização.

Cada texto, uma vez atualizado, torna-se centro, para, logo, descentralizar-se em decorrência da atualização de outro(s) texto(s). Nesse processo, cada leitura do hipertexto é uma leitura diferente, porque, dificilmente, o texto se mostrará duas vezes da mesma forma ao leitor. O texto atualizado é um evento e as condições em que ocorre são irrepetíveis.

Se o autor sugere os *links*, cabe ao leitor do hipertexto aceitar ou não as associações propostas sempre de acordo com o pretendido e reclamar por novas associações, já que o autor do hipertexto propõe alguns *links*, mas não todos os *links* possíveis.

No texto, há centro, começo e fim determinados pelo autor, e sua dinamicidade é constituída na perspectiva do leitor. O texto se torna um hipertexto para o leitor em termos das associações que este compuser, inclusive, de modo multissemiótico. Já no hipertexto, sem começo e fim previamente determinados pelo autor, é o leitor que constrói alternativas de leitura a partir das sugestões dadas pelo autor nos *links*.

Diante dessas considerações, podemos, então, nos perguntar: em que consiste a diferença entre texto e hipertexto, fugindo a uma visão dicotômica, já que o texto impresso contém um hipertexto reprimido na perspectiva do autor e ilimitado da perspectiva do leitor, e o hipertexto é constituído por inúmeros textos que contêm uns aos outros formando uma imensa rede?

Em uma perspectiva complementar, como enfatizada aqui, interessa-nos ressaltar que hipertexto e texto são eventos comunicativos e, como tal, em seu “acontecimento” estão pressupostos participantes, lu-

gar e tempo e a irrepitibilidade das circunstâncias em que ocorrem.

Como um texto aberto, ou um “texto múltiplo”, o hipertexto é formado por diversos textos, sobre diversos temas, interligados uns aos outros de forma a constituir uma imensa rede. Cada vez que o leitor se aproxima dessa rede hipertextual, atualiza alguns textos, considerando o objetivo que tem em vista e, conseqüentemente, determinando um começo e um fim para a sua escrita/leitura, em uma dada sessão, esta entendida, na acepção proposta por Rosenberg (2002), como a atividade do leitor em sua continuidade num determinado tempo.

O leitor dessa escrita constrói um percurso na rede, atualiza textos, marca trechos importantes, associa o conhecimento novo dos textos atualizados com o seu conhecimento prévio e produz sentidos, não se constituindo como um leitor superior ou inferior, melhor ou pior, mas um leitor diferente, do ponto de vista das habilidades para tratar o texto e produzir sentido em um espaço marcado pela imaterialidade.

Assim, o nosso espaço e modo de construção de texto mudou, mas o texto continua a ser entendido como um evento comunicativo. Essa concepção se aplica, digamos, de modo mais visível, ao hipertexto, um texto que não se mostra pronto para o seu leitor, que se revela “aos saltos”, e exige de seu leitor que se constitua escritor, ao construir um percurso de leitura dentre tantos possíveis, ao retomar o produto desse percurso e impingir-lhe um recorte e uma ordenação, com o intuito de alcançar um certo objetivo.

Assim, o hipertexto, como uma escrita aberta, possibilita a cada leitor construir um percurso próprio de leitura. A atividade do leitor, entretanto, não se encerra nesse ponto. Esse é o ponto de partida para a sua constituição como leitor-escritor.

O leitor do hipertexto é o responsável pelos movimentos que conduzem à construção do sentido. Entretanto, essa não é uma tarefa apenas do leitor do hipertexto, mas de todo e qualquer leitor, já que a coerência não é uma propriedade estrutural do texto, mas uma operação do indivíduo sobre o texto: uma perspectiva interpretativa (cf. Koch e Travaglia 1989; Marcuschi, 2000).

Hipertexto e leitura: um novo (outro) leitor?

Sabemos que aquele que lê um texto na tela do computador não tem, como em um livro, a visão do todo. O leitor precisa usar a barra de rolagem, como se se tratasse de um texto enrolado que precisasse ser desenrolado, com a vantagem, porém, de o leitor desse texto gozar da liberdade de movimentos, inexistente para o leitor do texto em papiro ou pergaminho.

Essa escrita eletronicamente constituída também se aproxima da escrita em código e em volume impresso, por fazer uso de dispositivos que situam o leitor em relação à organização do texto. Entretanto, a escrita digital, em particular o hipertexto, tem sua peculiaridade constituída pelos traços da não-linearidade, interatividade e virtualidade, que possibilitam, ao leitor, começar a ler de qualquer ponto e deste partir para outros pontos, porque o modo mesmo como a escrita é constituída lhe permite escolher o caminho que quiser percorrer em seu processo de leitura.

Assim, o começo e o fim desse texto é momentâneo, produto do trabalho de escolha do leitor, baseada em seus interesses. Daí, o leitor ser também um escritor. No hipertexto, o leitor não sabe o que falta para ler, nem o que há antes ou depois do que selecionou para leitura, porque o hipertexto, ao funcionar por associações de nós e *links*, compondo uma rede infinita, oferece, ao leitor, a construção de infinitos textos, infinitas leituras. Esse espaço de escrita e leitura difere daquele oferecido pelo autor em livros impressos em que a escrita do leitor e diversos percursos de leitura podem até se realizar, mas não são atividades pressupostas inicialmente, não são atividades estruturantes desta escrita, nos termos de Bolter (1991).

Contudo, ressaltamos que, se, por um lado, o impresso contém uma escrita durável, fixa, conservadora e, exclusivamente, controlada pelo autor, por outro lado, a sua leitura é efêmera, plural e inventiva. Assim, concordamos com Cavallo e Chartier (1998, p. 9-10), ao afirmarem que:

O escrito é uma pintura: repete-se eternamente, difundido por um suporte material inerte, apesar de gozar da liberdade de rolar livremente em todas as direções e se prestar a uma leitura livre, a uma interpretação e a um uso do texto com total liberdade.

É nesse sentido que falamos de uma “hipertextualização do texto”, do ponto de vista da sua leitura, dos *links* que o leitor constitui no processo de compreensão, embora não tenhamos a visibilidade desse processo, tal como ocorre no hipertexto. Este, por sua vez, mostra-se “incontido”, do ponto de vista da leitura e da escrita, embora saibamos que as escolhas do leitor só ocorrerão, se forem previamente programadas, determinando possíveis ligações a pontos específicos; que as buscas e as pesquisas não sequenciais só serão possíveis, se houver um trabalho prévio, necessariamente sequencial⁴.

Se, como vimos, o hipertexto, por seu espaço de escrita e configuração, demanda nova prática de leitura, como caracterizar o leitor dessa escrita?

⁴ Para Leão (1999), a complexidade da hipermídia implica a complementaridade organizacional entre ordem / desordem; simples / complexo; aleatório / determinado; sequencial / não-sequencial / rigor / liberdade; solidez / elasticidade; mobilidade / imobilidade.

Afirmamos, com Koch (2002, p. 72), que o leitor da escrita digital

faz de seus interesses e objetivos o fio organizador das escolhas e ligações, procedendo por associações de idéias que o impelem a realizar sucessivas opções e produzindo, assim, uma textualidade cuja coerência acaba sendo uma construção pessoal, pois não haverá efetivamente dois textos exatamente iguais na escritura hipertextual.

Destacamos, portanto, que não se lê do mesmo modo num papiro, num livro ou numa tela de computador, entretanto, entendemos que ler de outro modo não significa atribuir sentidos diversos necessariamente. Sustentamos, com Possenti (2002), que *a mudança do suporte não é suficiente para alterar o sentido do texto*, embora o suporte não lhe seja indiferente.

O hipertexto, marcado pela possibilidade de conexões imediatas entre blocos de significados interligados em um vasto banco de dados, altera o significado do ato de ler e dos conceitos de autor e leitor. Como toda tecnologia textual constitui, pelo menos em parte, o tipo de escritor ou leitor a ela adequados, a mudança do texto para o hipertexto produz um novo (outro) tipo de leitor e de autor.

Em relação ao hipertexto, o autor e o leitor podem ser pensados como colaboradores ativos – ainda que isso não seja um privilégio exclusivo do hipertexto — e é em função dessa colaboração que teóricos do hipertexto propõem, por vezes, que o leitor do hipertexto seja redefinido como “lautor” (“wreader”) ou “leitor liberto da tirania da linha”, já que ele mesmo, em certa medida, produz e consome o sentido do texto (Bellei, 2002, p. 71).

Embora afirmemos, com Koch (2002), que o texto pode se hipertextualizar, — por exemplo, nas produções acadêmicas, cada vez que a atenção do leitor for conduzida do texto em si para uma nota de rodapé que, por sua vez, pode fazer referência a vários outros textos de alguma forma relacionados periféricamente com o texto principal —, é preciso levar em conta as características do hipertexto em relação ao texto, particularmente, a natureza do primeiro como banco de dados de conectividade máxima e, do segundo, como predominantemente linear.

Um leitor de banco de dados deve organizar informações dispersas em termos de um certo padrão estrutural e em um espaço virtual. É um leitor que justapõe blocos de sentido em uma atividade de “bricolagem”, e que, por isso, pode ser denominado de leitor *bricoleur* (Bellei, 2002, p. 73).

Contudo, esse leitor não é um leitor inferior, um “piloto de palavras” nos termos de Birkets, citado por Bellei (2002, p. 75), mas um leitor diferente, talvez menos contemplativo em razão da fugacidade da escrita, mas, nem por isso, um praticante de uma não leitura.

Sob a perspectiva de hipertexto, todo leitor é também um autor, já que toda leitura torna-se um ato de escri-

ta, exigindo do leitor a escolha de um caminho dentre tantos possíveis para seguir, definindo-se, desse modo, a constituição do texto, em se tratando não só de seu começo, meio e fim, como também das informações que irão compor tais partes.

Para nos explicar a estrutura da atividade hipertextual, do ponto de vista do leitor, Jim Rosenberg (2002) elaborou os conceitos: actema, episódio e sessão. Actema é o ato de se seguir um *link* ou a atividade de unir dois pontos distintos. Por sua vez, episódio é um conjunto de actemas a partir do qual será possível ao leitor compor em sua mente um todo coerente ou, ainda, é o resultado de uma combinação do histórico do trajeto no hipertexto, das intenções do leitor e das associações que este vai construindo durante uma sessão ou diversas sessões. Por último, a sessão compreende a atividade do leitor em sua continuidade. É o período de tempo em que este se dedica a explorar o sistema hipertextual. Assim, uma única sessão pode fazer despontar diferentes inícios de episódios.

O estudo de Rosenberg (2002) faz-nos pensar que o leitor do hipertexto deve contemplar, em sua atividade, uma perspectiva “holística” e não “serialista”. Segundo Horn (1989), o leitor “serialista” começa a leitura de um livro da primeira página e vai até a última, parágrafo por parágrafo, frase por frase, na ordem previamente determinada pelo autor.

Já o leitor “holístico” procura estabelecer uma idéia geral do todo, antes de partir para os detalhes. Também estabelece seus interesses e objetivos de leitura, faz suas descobertas, constrói hipóteses, estabelece conexões entre as idéias do autor e seu conhecimento, bem como se permite “saltos” na leitura.

Assim, em relação ao hipertexto, os leitores “serialistas”, diferentemente dos “holísticos”, terão muita dificuldade na leitura e se ressentirão das escolhas que terão de fazer, do caminho próprio de leitura que terão de construir, sentindo-se confusos e desorientados com muito mais frequência e queixosos da introdução de palavras e conceitos que não entendem, não atentando para as vantagens do sistema.

Essa reflexão sobre procedimentos de leituras e perfis de leitores encontra-se, atualmente, revigorada pela repercussão do hipertexto. Contudo, podemos dizer que leitores que lêem o texto no papel, atentando para a construção de um sentido global do texto, hierarquizando informações, elaborando generalizações, deixando de lado informações não significativas para o sentido do texto, associando conhecimento novo ao conhecimento anteriormente constituído, em um processo constante de interação, valer-se-ão dessas estratégias para construir seus próprios caminhos de leitura no universo hipertextual e, desse modo, seus próprios textos.

Portanto, refletir sobre o hipertexto, como uma nova forma de escrita/leitura, implica levar em consideração o

texto e a construção de seu sentido por seus sujeitos leitores/escritores em um novo espaço, que exige novas habilidades desses sujeitos transformados, no universo hipertextual, em viajantes, navegantes, construtores de caminhos e de sentidos, usando, para isso, ferramentas próprias ao meio. Nesse contexto, a atividade do leitor se destaca, porque o texto, ao não se mostrar como um todo bem definido em termos de suas partes, exige daquele que se transforme, também, em escritor.

Entretanto, toda leitura, quer seja em relação a um texto, quer ao hipertexto, é sempre construção de sentido, porque o leitor tem uma certa liberdade de escolher caminhos, definir ênfases, optar por certos sentidos em relação a outros, tudo isso de forma a atender preferências ideológicas, pessoais ou idiossincráticas. Desse modo, toda atividade de leitura, textual ou hipertextual, implica descoberta ou invenção de roteiros.

Uma vez diante de milhares de registros, o leitor não poderá vê-los de uma vez, nem encontrar facilmente um registro particular tão somente usando as mãos, terá de usar técnicas de computação de busca, de combinação e de seleção, lembrando-se de que um banco de dados é tão amplo que não pode ser disponibilizado de uma vez, e de que existe para além da escala da percepção e cognição humanas. É essa nova escala “não-humana” que, para Lev Manovich (2002), representa uma qualidade “essencial” de um banco de dados.

Para o leitor dos tempos atuais, como afirma Lev Manovich (2002), os bancos de dados permitem a coexistência de diferentes pontos de vista, diferentes modelos de mundo, diferentes ontologias e potencialmente diferentes éticas.

Entretanto, desse leitor, esperamos que continue a realizar a atividade de compreensão de um texto, de qualquer texto, baseado nos pressupostos de que o texto não é totalmente explícito; o texto se constitui de um conjunto de pistas que orientam o leitor na construção do sentido; o texto exige do leitor que este preencha lacunas, formule hipóteses, reformule hipóteses em caso de desencontros por meio de inferências que exigem a mobilização de seus conhecimentos prévios, como bem enfatiza Koch (2002).

Algumas considerações finais

Em nosso percurso, destacamos que o hipertexto é um texto, múltiplo, é verdade, mas um texto. Desse modo, podemos dizer que as considerações feitas acerca do texto são válidas para o hipertexto. No entanto, levamos em conta que o contexto de produção mudou: o hipertexto possibilita ao leitor a sua constituição como autor a partir do momento em que a atividade de leitura pressupõe a escolha de um percurso, de informações e do modo de associá-las, tendo-se em vista um objetivo. Nesse contexto, é o próprio leitor responsável pela “edificação” de seu texto.

Para tanto, além de recorrer a conhecimentos lingüísticos, textuais e interacionais, o leitor necessita saber usar recursos próprios para a leitura do hipertexto, já que este se constitui em um labirinto de infinitos textos, versando sobre infinitos temas, em uma extensa rede que possibilita ao leitor múltiplos caminhos de leitura, exigindo-lhe que leve em conta a conexão entre os segmentos do texto materializados lingüisticamente.

Também ressaltamos que os estudos realizados e que vêm se realizando na Lingüística Textual sobre texto e sentido não se restringem a um modo ou outro de escrita/leitura, embora isso não implique desconsideração às peculiaridades decorrentes de um modo ou outro de produção textual.

O modo de produção de escrita e leitura do texto e do hipertexto é diferente, e essa diferença decorre do uso de tecnologia distinta na e para a produção de um e de outro. A tecnologia, como produto da atividade humana, é representativa de um modo de pensar que, ao longo do tempo, trouxe — e continua trazendo — alterações à vida do homem.

Referências

- BAIRON, S. 1995. *Multimídia*. São Paulo, Global, p. 219.
- BEAUGRANDE, R. 1997. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, Ablex, p. 1-68.
- BEIGUELMAN, G. 2003. *O livro depois do livro*. São Paulo, Petrópolis, 95 p.
- BELLEI, S.L.P. 2002. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo, EDUC; Florianópolis, UFSC, 169 p.
- BOLTER, J. D. 1991. *Writing space. The computer, hypertext and the history of writing*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 253 p.
- CAVALLO, G. e CHARTIER, R. (orgs.), 1998. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo, Ática, 232 p.
- EISENSTEIN, E.L. 1998. *A revolução da cultura impressa*. São Paulo, Ática, 320 p.
- ELIAS, V.M.S., 2000. *Do hipertexto ao texto: uma metodologia para o ensino de língua portuguesa a distância*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 203 p.
- HORN, R.E. 1989. *Mapping hypertext*. Arlington, Lexington Institute, 289 p.
- KOCH, I.G.V. 2002. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo, Cortez, 168 p.
- KOCH, I.G.V. 2004. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo, Martins Fontes, 190 p.
- KOCH, I.G.V. e TRAVAGLIA, L.C. 1989. *Texto e coerência textual*. São Paulo, Cortez, 94 p.
- LEÃO, L. 1999. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo, Iluminuras/ FAPESP, 158 p.
- LÉVY, P. 1993. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro, Ed 34, 203 p.
- LÉVY, P. 1996. *O que é virtual*. Rio de Janeiro, Ed.34, 157 p.
- MANOVICH, L. 2002. Banco de dados como gênero na linguagem das novas mídias nas formulações de Lev Manovich. *Galáxia: Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica e Cultura*, 3:167-177.
- MARCUSCHI, L.A. 1999. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, 3:21-45.

- MARCUSCHI, L.A. 2000. A coerência no hipertexto. In: SEMINÁRIO SOBRE O HIPERTEXTO, 1. Recife, UFPE. Out, 2000, 17 p.
- POSSENTI, S. 2002. Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. In: S. POSSENTI, *Os limites do sentido*. Curitiba, Criar, p. 205-226.
- ROSENBERG, J. 2002. A estrutura da atividade hipertextual. In: L. LEÃO (org.), *Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo*. São Paulo, Iluminuras, p. 57-70.
- SANTAELLA, L. 2001. *Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo, Iluminuras/FAPESP, 432 p.
- WERTHEIM, M. 2001. *Uma história do espaço: de Dante à internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 238 p.

Recebido em 07/03/2005

Aceito em 04/04/2005

Vanda Maria da Silva Elias
PUCSP

